



O DESAFIO DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR: UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A ESCOLA ESTADUAL MINISTRO JARBAS PASSARINHO

Autor (1): ANDRÉA Maria da Silva; Orientador: LUCAS Victor Silva.

Universidade Federal Rural de Pernambuco, andreaistoria2@gmail.com

Resumo

O presente trabalho pretende apresentar os resultados iniciais de uma investigação sobre a gestão escolar adotada na Escola Estadual Ministro Jarbas Passarinho (EEMJP). Inaugurada em 1974, localizada no município de Camaragibe, Região Metropolitana do Recife. A escola, no final dos anos noventa e inícios dos anos 2000, segundo relatos, sofria com sérios problemas infraestruturais, administrativos, significativa taxa de evasão escolar e saída constante de profissionais engajados. Havia inclusive a ameaça vinda da Secretaria Estadual de Educação de fechamento da escola. Diante do “abandono” e do “caos”, conforme relatos coletados, a escola recebeu uma nova equipe gestora em novembro de 2003 e com isso houve uma significativa mudança na rotina escolar e pedagógica. Aquela escola que não acolhia adequadamente alunos e profissionais da educação transformou-se profundamente. Tais transformações podem ser evidenciadas pelos prêmios de gestão conquistados, pela alta procura por novas matrículas e pelos resultados nas avaliações estaduais e federais, por exemplo. O presente trabalho se propõe a mostrar como uma escola que estava prestes a fechar resgatou a motivação entre os que nela trabalhavam, construiu uma nova proposta pedagógica, reuniu uma equipe compromissada e modificou a situação de “desordem”.

Palavras-chave: Instituição escolar, Gestão escolar, Escola pública, História da educação.



Introdução

Este trabalho busca apresentar uma breve história sobre a Escola Estadual Ministro Jarbas Passarinho que se enquadrava em características que não condiziam com a de uma instituição escolar, porém com ações pedagógicas e administrativas conseguiu superar estes enormes desafios tornando-se uma referência estadual em gestão escolar¹.

Esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a história da Escola Estadual Ministro Jarbas Passarinho visando compreender como as práticas de gestão escolar implementadas a partir do ano de 2003 contribuíram para a transformação do cotidiano escolar e para o ressurgimento da instituição desta vez como referência de qualidade na educação pública.

Como objetivos específicos o presente trabalho visa investigar as vivências de profissionais da educação sobre cotidiano escolar anterior a 2003, compreender como a escola se reergueu diante de uma estrutura física imensamente comprometida e como conseguiu contribuir para conservação e permanência dos espaços escolares, analisar o modo de funcionamento da gestão escolar no que diz respeito ao atendimento cotidiano das necessidades do meio escolar e ao estabelecimento de novas estratégias de organização e motivação no trabalho escolar.

Vivemos em uma sociedade onde existem várias instituições, uma delas é a escola. Dentro do ambiente escolar podemos compreender que a educação é um objeto de estudo da história, e conseqüentemente compreender que nela (escola) atuam os diferentes sujeitos da sociedade (homens, mulheres, crianças, idosos, portadores de necessidades especiais, professores, gestores...). Podemos entender então que numa concepção onde todos são agentes de sua história, de seu meio, a instituição escolar é um local onde todos estes agentes podem criar sua própria identidade. Por meio de uma investigação sobre a instituição denominada escola, busco ampliar o conhecimento sobre a realidade de uma escola que sofria com o “abandono” de várias instâncias, seja ela do Estado que nos atributos da Secretária de Educação não faziam um acompanhamento escolar adequado, dos antigos gestores, da comunidade, dos professores, e dos alunos, todos estes agentes são os principais responsáveis pelo crescimento ou pela decadência de uma instituição escolar.

A abordagem de uma gestão escolar participativa fez com que a escola se reerguesse e conseguisse resgatar a credibilidade que tinha outrora. A proposta deste trabalho é mostrar que a escola, com tanto altos e baixos, renasceu, sobreviveu ao “caos”, com ações e medidas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que conseguiram ao longo de muito trabalho fazer com que a escola não fechasse.

Uma gestão democrática incentiva o trabalho coletivo e visa à participação de todos no trabalho da escola, Segundo Luck (2007, p. 17).

Os funcionários são envolvidos no estabelecimento de objetivos, na solução dos problemas, na tomada de decisões, no estabelecimento e manutenção de padrões de desempenho e na garantia de que sua organização está atendendo adequadamente as necessidades das pessoas a quem os serviços da organização se destinam. Ao se referir às escolas e sistemas de ensino, o conceito de gestão participativa envolve, além dos professores e funcionários, os pais, os alunos e qualquer outro representante da comunidade que esteja interessado na escola e na melhoria do processo pedagógico.

Diante do tema proposto busco ressaltar que uma gestão escolar adequada a vivência de uma realidade escolar é o caminho para construção, ou neste caso reconstrução, de uma escola. A partir desta reflexão busco dimensionar minha pesquisa sobre a ótica da análise da gestão escolar e sobre a história da escola.

As instituições escolares do setor público carregam o estigma do modelo da má qualidade de ensino. A necessidade de se construir uma formação humana, parte do princípio de que a escola é o início deste processo. A contribuição a favor de uma escola pública aberta e para todos é o que deveria ser o principal investimento do Estado e dos governos em nossa sociedade. A escola, fonte de valores e princípios, elementos estes fundamentais para a construção de uma sociedade igualitária e democrática deve ser o principal meio para que esta sociedade cresça e se desenvolva sem desigualdades.

No Brasil, a história da instituição escolar pública é marcada por imensos conflitos que significavam uma maneira errada de se tratar a instituição. Sobre este aspecto busco demonstrar neste trabalho alguns pontos, no que diz respeito ao período da ditadura militar, compreendida entre os anos de 1964 e 1985, pois a escola foi construída durante esse período onde houve um forte desenvolvimento capitalista que trouxe ao país novas indústrias, por este motivo houve um enorme crescimento de abertura de escolas, justamente para suprir este novo mercado. A partir deste momento iniciou-se o chamado modelo tecnocrático de ensino, que nada mais era do que gerar um meio de abastecer este mercado, um modelo voltado à sociedade de mercado.

O período ditatorial, ao longo de duas décadas que serviram de palco para o revezamento de cinco generais na presidência da república foi pautado em termos educacionais pela repressão, privatização de ensino, exclusão de boa parcela dos setores mais pobres do ensino elementar de boa qualidade, institucionalização do ensino profissionalizante na rede pública regular sem qualquer arranjo prévio para tal, divulgação de uma pedagogia calcada mais em técnicas do que em propósitos com fins abertos e discutíveis tentativas variadas de desmobilização do magistério através de abundante e confusa legislação educacional. Somente uma visão bastante condescendente com os ditadores poderia encontrar indícios de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

algum saldo positivo na herança deixada pela Ditadura Militar no nosso país. (GHIRALDELLI, 2009, p. 111)

Ainda sobre o modelo tecnocrático de ensino, Saviani (2008, p. 370) alerta que o risco deste modelo de educação, iria gerar “sobre a economia da educação e formação da mão de obra”. Os 21 anos de ditadura militar no Brasil foram os anos em que mais houve crescimento da escola pública, nota-se a contradição: como um país que pressionava, torturava e prendia, criou tantas escolas? Este motivo decorre do modelo de crescimento econômico instaurado no país, para suprir a necessidade do mercado deveriam existir escolas que proporcionasse a transmissão de conhecimento a esta mão de obra trabalhadora. Bittar (2012, p.162) ressalta outro fator relevante, ao qual o país necessitava de pessoas que tivessem “um mínimo de escolaridade para que o país ingressasse na fase do “Brasil potência”, conforme veiculavam slogans da ditadura. Sem escolas isto não seria possível.”.

Entretanto, a expansão quantitativa não veio aliada a uma escola cujo padrão intelectual fosse aceitável. Pelo contrário: a expansão se fez acompanhada pelo rebaixamento da qualidade de ensino, segundo a maioria dos estudiosos. É imperioso constatar, porém, que a expansão, em si mesma, foi um dado de qualidade, pois se qualidade e quantidade são duas categorias filosóficas que não se separam, o fato de as camadas populares adentrarem pela primeira vez em grande quantidade na escola pública brasileira constituiu-se em um dos elementos qualitativos dessa escola. Em outras palavras: se no passado a escola pública brasileira era tida como de excelente qualidade, não se pode esquecer que essa qualidade implicava na exclusão da maioria. (BITTAR, 2012, p. 162)

Por outro lado, não se pode conceber uma educação de qualidade para uma nação quando esta está passando fome, não tem uma renda mínima de sustento para suas famílias, o desemprego é alto e por consequência o sistema econômico está em baixa. A escola é uma instituição que precisa de funcionários, necessita distribuir merenda para os alunos, materiais de auxílio para o professor e uma estrutura física que comportem toda esta equipe. Assim, Libâneo (2012, p. 133) ressalta que:

A educação deve ser entendida como fator de realização da cidadania, com padrões de qualidade da oferta e do produto, na luta contra a superação das desigualdades sociais e da exclusão social. Nesse sentido, a articulação da escola com o mundo do trabalho torna-se a possibilidade de realização da cidadania pela incorporação de conhecimentos, de habilidades técnicas, de novas formas de solidariedade social, de vinculação entre trabalho pedagógico e lutas sociais pela democratização do Estado.

A partir desta pequena análise sobre a construção de mais escolas no período da ditadura militar no Brasil, busco evidenciar o discurso do então Ministro da educação do governo militar (ao qual a escola recebeu o nome), onde o mesmo demonstra na entrevista abaixo os motivos pelos quais não generalizava a educação para todos. Seu discurso não



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

corresponde à universalização da educação, como relata Barreto e Ferreira (2004, p.122).

Em entrevista a uma das principais revistas da época, a *Realidade*, em sua edição de março de 1970, o então ministro da educação Jarbas Passarinho fez um balanço dos cinco anos da chamada “revolução” na área da educação. Reportando-se ao combate ao analfabetismo, ele não forneceu a receita, mas revelou quais os ingredientes que não deveriam ser empregados ao aprendizado: “Eu não vou pegar uma massa sem consciência, de sua potencialidade, gente que vive em condições sub-humanas e dar-lhe consciência de seu valor sem lhe dar condições de aplicar essa consciência. Porque aí vou tornar reivindicante quem não era e vou tornar o governo incapaz de atender a essas reivindicações. “Conclusão: Vou ter sarna pra me coçar.”.

A entrevista do então Ministro da Educação Jarbas Passarinho reforça o sentido de que o Brasil poderia até ter condições de fornecer educação para todos, mas não poderia fazer isto, pois não se sabia até onde iria o potencial de educação do brasileiro, ou seja, o ministro da “educação” não queria promover educação para a sociedade de seu país, pois assim poderia criar na consciência do povo a importância que aquela educação poderia trazer para a sociedade e assim deixar de lado os que não conseguiam chegar até ela.

A história das instituições escolares abrange, além de aspectos normativos, formas de gerenciamento e decisões políticas, periféricas e centrais. Estudar como os tempos e os espaços foram organizados, quais e de que forma as articulações ocorreram entre os profissionais e os usuários da escola, as modalidades de funcionamento e as relações externas mantidas com a comunidade. (BERTONHA, 2008, p.5)

Continuamos vivendo numa sociedade desigual onde as questões de planejamento, organização, políticas de gestão da educação e ações democráticas estão sendo feitas com avanços, porém ainda geram muitas divisões. Segundo, Oliveira (2010, p. 93) “a tese de que, devendo o Estado intervir para promover a igualdade de oportunidade, o investimento público em educação pode reduzir as desigualdades educacionais, abrir novas oportunidades aos pobres e aumentar a mobilidade social”. ” Sendo assim, podemos entender que as políticas públicas de incentivo a educação são extremamente importantes, pois proporcionam uma mudança no modelo de ensino e visa promover uma forma de combater a desigualdade educacional.

Nos seus mais de 42 anos de existência no mundo escolar a Escola Estadual Ministro Jarbas Passarinho não vivenciou continuamente este momento de dificuldade, pode-se observar pelo relato da professora de História, que iniciou suas atividades na escola no ano de 1994. No relato abaixo ela mostra que existia um clima agradável de trabalho dentro da escola.

Eu cheguei aqui em 1994. Nós vivíamos bem, nós tínhamos um bom grupo de professores, éramos um grupo bastante unido, tanto é que foi assim, quase que amor à primeira vista, quando eu cheguei eu fui assim muito bem acolhida, pelos colegas, gostei de todos. [...] E assim, com relação à estrutura da escola, que a gente não tinha boas condições, nas salas de aula, as bancas. Não existia uma preocupação da



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

secretaria de educação com essa escola, existia inclusive um preconceito da comunidade com relação a esta escola.

Em uma das entrevistas realizadas com o atual gestor da escola, ele conta como foi seu primeiro dia na escola:

Cheguei à escola em novembro de 2003, observei que aquele local não poderia ser chamado de escola. Reuni-me com os alunos que eram os que mais estavam precisando de atenção e perguntei qual era a necessidade deles diante daquela situação, e eles disseram: “Só precisamos de água e aula professor!” Aquilo me bastou! Os alunos bebiam água em uma panela que era feita a merenda, só existiam dois copos, apenas dois copos para todos os alunos. As paredes eram totalmente pichadas, não tinha ventilação nas salas de aula, só existiam dois banheiros, não tinha sala de professores, a cozinha era terrível, a escola não tinha muro, a calçada era cheia de buracos. Enfim, a situação era caótica.

Imensos problemas foram encontrados pela nova equipe gestora da EEMJP, o atual gestor narra que ao fazer uma vistoria na escola encontrou um “cemitério” dentro da escola de 500 e poucas bancas quebradas, “eu tinha todas as bacias sanitárias quebradas, mais o mictório, tanto no feminino quanto no masculino, o menino urinava lá em cima da bacia quebrada, e é como eu te digo, não houve nenhuma preocupação da gestão anterior, em pelo menos ir melhorando.”. De acordo com o gestor ocorria também uma enorme preocupação em evitar o contato com pessoas de fora que vinham até a escola querendo se aproximar dos alunos para passar drogas, pois o portão da escola não era totalmente fechado.

Neste mesmo sentido, o atual gestor relembra que tinha uma matrícula efetiva de 1.100 alunos, mas frequentando a escola tinha apenas 366. Recorda-se também que a escola possuía doze salas, mas funcionando só restara quatro, pois todas as outras estavam em estado de desabamento. Por motivos desconhecidos as verbas de incentivo para a reestruturação da escola não chegavam. Ao chegar à escola o novo gestor, relembra que não poderia trabalhar apenas com quatro salas, a partir desta inquietação comprou madeirite com seu próprio dinheiro, pois o caixa da escola estava sem verba, possibilitando assim erguer mais quatro salas, ficando assim com oito salas, até que a Secretaria de Educação se posicionasse sobre uma melhoria na estrutura da escola e efetuasse a reforma da escola. Segundo o atual gestor, tudo faltava, até uma folha de papel ofício faltava, ele relembra que quando chegou à escola em 03 de novembro de 2003 buscou forças para iniciar o trabalho que seria longo.

Era um período que quando eu saio de uma outra escola eu deixo as matrículas organizadas, eu deixo a carga horária do professor toda distribuída, e chego aqui encontro o ano letivo ainda do ano de 2003 pra encerrar, tá entendendo? Em 30 de dezembro. Ações para desenvolver sem saber por onde começar, porque tudo que você procurava perguntar ir em busca daquilo ali, você não tinha respostas. Cursos implantados, sem autorização da secretaria de normatização, também a secretaria não liberava a autorização de funcionamento destes cursos, tendo em vista que a escola não tinha construído a sua proposta pedagógica diante das



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

modalidades de ensino implantadas, eram implantadas, mas não autorizadas, então elas não tinham autorização de funcionamento. Uma outra questão assim que mais dificultou, pra mim, foi a questão financeira, a questão financeira foi séria! Porque de repente eu tinha que adotar o Jarbas Passarinho como minha escola, eu tive que tirar o meu dinheiro da poupança todinho, todinho, pra comprar madeirite, lápis pro quadro do professor, comprar... Porque as verbas não chegavam pro Jarbas.

O diretor relembra também que a comunidade escolar e os pais de alunos se afastaram da escola, pois a escola não os acolhiam bem, não promovia reuniões de pais e mestres, ou qualquer outra ação de inclusão dentro da escola. Neste aspecto, Paro (2016, p. 19), infere que:

Outro aspecto importantíssimo do problema da participação da comunidade na escola, e que requer medidas corajosas, refere-se ao provimento de condições para que os membros das camadas exploradas participem da vida escolar. Não basta permitir formalmente que os pais de alunos participem da administração da escola; é preciso que haja condições materiais propiciadoras dessa participação. A este respeito, uma medida que acredito deva ser tomada pelo Congresso Constituinte é a instituição de dispositivo constitucional que facilite a participação dos pais na vida da escola, por meio da progressiva isenção de horas de trabalho nas empresas. Tal dispositivo poderia ser imaginado, a princípio, na forma de liberação do trabalhador com filho em idade escolar de um determinado número de horas de trabalho, sem prejuízo de seus vencimentos, nos dias que tivesse que comparecer à escola para participação de assembléia ou tratar de problemas relacionados a escolarização do filho.

Ao entrevistar a ex-secretária da escola, perguntei a ela como era a gestão da escola nesta época, e muito serena ela me responde:

Não tinha não! Não existia não! Olhe, eu digo isso, que realmente eu segurei aquela escola um monte de tempo. Mas... Era como se não tivesse. Teve um diretor que sete horas quando eu chegava na escola, ele já estava saindo da escola, só vinha ler o jornal, lia o jornal e ia embora. Aí, que eu saiba não! A gente segurava a escola, com um grupo de professores que era mais responsável.

A situação da escola era extremamente delicada, de acordo com os depoimentos não existiam laços de acompanhamento pedagógico em nenhum setor. No entanto, para que se possa criar uma escola participativa e com ensino de qualidade é necessário que haja uma gestão escolar motivada à frente de todo este “caos”. A ex-secretária da escola que trabalhou na equipe gestora de 1996 a 2012, relembra que tinha momentos em que ela passava o dia na escola, organizando a merenda que era pouca, ou atenuando as situações de conflitos entre alunos, em um de seus depoimentos ela relembra que antes do início das aulas costumava ir à escola no domingo, lavar e organizar as cadeiras, pois não tinha uma pessoa designada pela gestão para fazer este serviço e segundo ela a escola tinha dever de oferecer aos alunos uma escola limpa e acolhedora.

A história da educação reflete que com relação às instituições escolares muito deve ser feito, principalmente no que se diz respeito à qualidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O compromisso coletivo é o alicerce para que uma escola forneça qualidade de ensino a seus alunos. As instituições escolares vêm passando por um amplo processo de mudança, estas mudanças decorrem de vários processos e projetos políticos educacionais, que abrangem todo o processo escolar dos sujeitos.

As instituições escolares vêm sendo pressionadas a repensar seu papel adiante das transformações que caracterizam o acelerado processo de integração e reestruturação capitalista mundial. De fato, o novo paradigma econômico, os avanços científicos e tecnológicos, a reestruturação do sistema de produção e as mudanças no mundo do conhecimento, afetam a organização do trabalho e o perfil dos trabalhadores, repercutindo na qualificação o profissional e, por consequência, nos sistemas de ensino das escolas. Essas transformações, que ocorrem em escala mundial, decorrem da conjugação de um conjunto de acontecimentos e processos que acabam por caracterizar novas realidades sociais, políticas, econômicas culturais e geográficas. (LIBÂNEO, 2015, p. 43)

A escola, responsável pelo crescimento intelectual e educacional dos cidadãos é formadora de opiniões e identidade, nela atuam as questões sociais que permeiam a sociedade, portanto esta educação deve ser de qualidade e o início desta demonstração de cuidado com o outro é no ambiente escolar, que retrata e cria valores educativos, portanto para que isto possa acontecer é necessário criar objetivos que proporcionem ações transformadoras, visando um avanço na qualidade de ensino do setor público educacional e gerando subsídios de melhorias e crescimento neste ambiente. Se tratando de gestão escolar, o tema implica em trazer a questão da qualidade de ensino.

O atual gestor ressalta os aspectos de comprometimento que a escola conseguiu reerguer e superar todos os problemas que anteriormente faziam parte do cotidiano escolar.

Eu vejo a escola dentro de todas as suas ações muito positiva, eu vejo um clima de excelência muito bom entre professores, funcionários e estudantes. Um clima também muito bom entre a comunidade. Tanto o vizinho, como os circunvizinhos, e nas proximidades nossa relação é muito boa, positiva! Vejo que hoje em dia, a comunidade aqui das proximidades que não botavam o filho aqui, que estudavam em outra escola, hoje eles brigam para manterem o filho aqui. Também a escola hoje em dia, ela tem tudo que não existia na época que era bom pra aprendizagem do aluno, como a construção do laboratório de informática, o laboratório de ciências, uma biblioteca, um núcleo de estudo de línguas, aqui implantando, uma sala aumentada, uma sala do professor melhorada que não existia, era um caos! A secretaria melhorada, então eu posso dizer que todos os departamentos oferecem bom ambiente de trabalho ao nosso estudante de acordo com a estrutura da nossa escola. Então hoje eu posso dizer que essa relação, é uma relação de amor, de respeito, é por isso que a gente colocou como slogan, que “Qualidade é a nossa meta”.

Uma boa gestão escolar é o que reflete em sala de aula uma qualidade no processo de ensino-aprendizagem, pois este é o principal papel da gestão dentro de uma escola.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Porém, para que este momento de inserção do cidadão no meio escolar aconteça com qualidade e com políticas públicas eficazes é necessário que haja uma priorização do ensino público, que traga ao alunado uma igualdade de oportunidades, para tanto é necessário que investimentos financeiros se prevaleçam diante desta busca pela qualidade.

O estudo de Nora Krawczyk (1999, p.113) intitulado *A gestão escolar: Um campo minado* "... Análise das propostas de 11 municípios brasileiros, ressalta que "desde o início da década de 1980 o tema da gestão da escola e sua autonomia vêm ganhando destaque merecido nos debates políticos e pedagógicos sobre a escola pública". Ainda segundo Krawczyk (1999, p.114),

A partir da década de 1980, como dissemos, a gestão escolar volta à cena do debate político, mas agora no contexto de reforma do Estado, tendo como um dos pontos principais a descentralização. Supunha-se, por razões distintas, que as formas descentralizadas de prestação de serviços públicos seriam mais democráticas, fortalecendo e consolidando a democracia. Ao mesmo tempo, elevariam os níveis reais de bem-estar da população. As reformas do Estado nessa direção seriam, portanto, desejáveis, pois viabilizariam a concretização de ideias progressistas como equidade, justiça social, redução do clientelismo e aumento do controle social sobre o Estado.

Só é possível ter uma gestão escolar de destaque quando a escola e seus profissionais se juntem e criem uma linha de comunicação absorvendo e acrescentando aos problemas as devidas soluções que são as demandas das ações coletivas existentes na escola.

Assim, o desempenho perante o alunado e o corpo docente torna-se eficiente. Todos estes fatores acarretam numa boa qualidade de ensino tanto para o aluno, quanto para o professor que cresce com o estímulo em promover transformações e melhores resultados na aprendizagem escolar.

Metodologia

Como metodologia para a construção do objeto de estudo deste trabalho foi necessário realizar entrevistas formais, coletadas a partir de um questionário pré-analisado pelos entrevistados. Este questionário foi construído a partir de uma visão geral de como uma escola estrutura-se, tendo como objetivo entender como era o trabalho docente e da equipe gestora na escola. Algumas perguntas se dizem respeito à estrutura da escola, outras fazem referência ao convívio de professores, alunos e pais de alunos, como eram estruturados os cargos de gestão dentro da escola, dentre outras. Para a organização deste trabalho foram feitas entrevistas com o atual diretor, que deu início à significativa mudança na gestão da escola, ex-secretária e ex-professores.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Para a realização deste trabalho os relatos da memória dos profissionais que fizeram parte desta história foram fundamentais para descrever como era a Escola Estadual Ministro Jarbas Passarinho em meados do final do ano de 1999 e final do ano de 2003. Para compreender melhor a história da reconstrução da escola, a partir de relatos orais, pode-se reconstruir uma análise acerca do momento que a escola começava a ser reerguida.

Resultados e Discussão

A partir de uma coleta de dados e realização de entrevistas preliminares com a gestão da escola, observamos que era necessário fazer uma reflexão do momento anterior à chegada da nova gestão. Por meio desta reflexão pode-se dizer que as consequências da mudança na gestão foi a principal transformação diante do “caos”. Novos docentes compromissados, nova cultura escolar, políticas públicas aplicadas e participação da secretaria de segurança pública no policiamento da escola e o compromisso de todos, possibilitou uma construção de identidade adotada pela gestão e alunos que foi fundamental para a renovação da escola. Deste modo, a escola torna-se um meio de convivência e espaço de pertencimento de todos que fazem parte dela.

Conclusão

A Escola Estadual Ministro Jarbas Passarinho foi no passado uma escola que carregava o estigma de uma infraestrutura desestruturada, professores, alunos, comunidade escolar e pais de alunos que não conseguiam trabalhar e conviver com a escola. As salas de aula não tinham uma estrutura boa e estavam em estado avançado de desabamento, os banheiros eram ineficazes, bancas quebradas, conflitos da gestão com professores e pais de alunos, não ocorriam reuniões pedagógicas, não existiam documentos de práticas pedagógicas na escola, (como o caso do Plano Político Pedagógico – PPP) que só veio a ser novamente elaborado com a chegada da nova equipe gestora, e ações de promoção de convívio educacional não eram vistos na escola. Para tanto existia uma parcela de professores, funcionários e alunos que queriam transformar a escola, estes por sua vez conseguiram aos poucos criar uma nova identidade para a EEMJP.

Com a chegada da nova equipe gestora em novembro de 2003 muitas transformações ocorreram principalmente no que dizem respeito à estrutura física da escola, algumas salas de aula foram erguidas com improviso, no caso de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

madeirite, o que ocasionou um atendimento maior aos alunos que estavam sem aula. Os banheiros passaram com uma reforma, a merenda começou novamente a chegar à escola, reuniões pedagógicas começaram a ter início, os professores ganharam uma sala, que anteriormente não tinham, a cozinha foi ampliada, os documentos organizados em um arquivo morto e os horários dos professores começaram a ser novamente redistribuídos. Com a mediação da nova gestão e da Secretaria de Educação, a equipe gestora, funcionários e alunos tiveram que ir para outro espaço até que a escola passasse por uma reforma o que acarretou um sistema de rodizio que não durou muito tempo.

Os professores, alunos, comunidade escolar, pais e funcionários liderados pelo gestor e pela Secretaria de Educação do Estado são envolvidos por conhecer a escola e entender como se dão as formações de conselhos de pais e professores, neste sentido a gestão participativa cria um novo envolvimento com toda a equipe escolar.

Com a chegada da nova equipe gestora a escola começou a entrar em outro clima de trabalho, os que optaram por não ir embora da escola se sentiram mais acolhidos pela nova gestão, as reuniões de busca por melhoria foram de enorme ajuda, pois ajudou a nova gestão a entender onde era mais necessário começar o trabalho.

Uma gestão democrática-participativa entende que os problemas não podem ser geridos de cima, ou seja, com uma visão somente pelo diretor, uma gestão participativa deve ser representada por todos que fazem parte da escola, os professores sabem como deve ser a aula, os funcionários da cozinha e da limpeza entendem onde estão as falhas na merenda e na limpeza, os alunos procuram dizer onde estão os problemas diários como exemplo banheiros inadequados, a comunidade escolar e os pais discutem alguns problemas que a escola pode sanar, assim é uma gestão participativa, uma gestão que gera comprometimento e cria uma nova identidade para a escola.

Referências

BARRETO, Túlio Velho. FERREIRA, Laurindo. **Na trilha do golpe: 1964 revisitado**. Recife: Massangana, 2004.

BITTAR, Marisa. BITTAR, Mariluce. História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. **Acta Scientiarum. Education**. Vol. 34, N. 2, p. 157-168, Maringá, 2012.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BERTONHA, Vitorina Cândida Corrêa. A instituição escolar como fonte da história da educação – Um estudo preliminar. **Seminário de pesquisa** – Programa de pós-graduação em educação, Universidade Estadual de Maringá, 2008, p. 1-10. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2008/pdf/c007.pdf.

GHIRALDELLI, Paulo Jr. **História da Educação Brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KRAWCZYK, Nora Rut. A Gestão Escolar: Um campo Minado... Análise das propostas de 11 municípios brasileiros. **Educação & Sociedade**. Ano XX. N. 67, Campinas, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6 ed. São Paulo: Heccus editora, 2015.

LUCK, Heloisa. **A escola Participativa: o trabalho do gestor escolar**. 4 ed. Petrópolis, Editora, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Política e gestão da educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. Campinas: Ed. Autores associados, 2008.

ⁱ A gestão da escola é de modo recorrente premiada pela secretaria da educação do Estado de Pernambuco. Em 2015, por exemplo, a escola foi finalista do Prêmio Gestão Escolar (PGE) e ficou em primeiro lugar dentre as instituições sob a guarda da Gerência Regional Metropolitana Sul. Disponível em <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=37&art=2664>